

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Rebaixamentos de prédios

Estão em via de conclusão as obras de rebaixamento dos dois edificios ali à esquina da Praça de D. Afonso Henriques, que pareciam duas gaiolas suspensas e davam uma nota pouco decorativa à estética do largo.

Procede ao serviço a Câmara Municipal e é de notar que os interessados não descuram a sua execução: querem tudo perfeito e até à grande.

Já nos lembramos que seria talvez por isso, que alguém quando os democráticos quizeram mandar fazer o rebaixamento lhe pôs todos os embaraços e impediu a sua realização. E' que talvez a vereação democrática não fizesse obra tão cara.

Mas, nas condições das casas agora rebaixadas, obra que na sua forma geral não pode deixar de merecer o nosso aplauso, estão outras na rua 31 de Janeiro. Como aquelas, estas constituem uma mancha para a beza daquela artéria, e justo seria, portanto, que lhes fosse aplicado o mesmo critério, embora se não fizesse obra tão luxuosa interiormente.

Para onde vamos?

A interrogação que temos diante de nós, representa o que será o dia de amanhã.

Representa igualmente o que será o futuro daqueles que não têm trabalho, e consequentemente que não têm pão para comer.

Representa ainda o quadro triste e comovedor da miséria e da dor.

Representa, enfim, o abismo para onde caminha a pobreza e uma grande parte da classe operária, uns e outros nossos irmãos, que, na luta pela vida, encontram à sua frente a trágica barreira do desprêso e abandono a que são votados por alguns daqueles que lhes podiam e deviam aliviar o seu infurtúnio! Na nossa terra, pelo menos, assim sucede! A crise de trabalho é assunto que se descura, é assunto que se agrava! E o que virá da falta de trabalho? Evidentemente que vem a falta de dinheiro, a falta de pão, a falta de paciência e a falta de respeito humanos, indo esta desde o crime do roubo até ao do assassinato!

E' para todas estas circunstâncias que se chama a atenção de quem pode atenuar — com humanidade e critério — todos estes males.

S.

Sem trabalho

A falta de trabalho é um dos problemas de mais urgente resolução, visto que as consequências duma crise desta natureza são sempre as piores possíveis. Estamos já a senti-las — em parte — até adentro da nossa própria terra, onde ainda há pouco tempo se despediram, de certos trabalhos, dezenas de operários.

Devemos acrescentar que está em absoluto desacôrdo com as declarações — ainda recentes — do Senhor Ministro do Comércio, quando afirmou que *reputava grave* a crise de trabalho, em virtude do que ia tomar determinadas providências.

Mas enquanto sua ex.^a assim pensa — e de facto pensa bem — na nossa terra pensa-se de modo contrário, complicando cada vez mais o que de si já está complicado.

Não compreendem que agravar a crise de trabalho é agravar a vida do Governo, de que eles se dizem dedicados cooperadores!

Como explicar, pois, tal critério? Assim, tirará cada um a ilacção que entender, guardando-a para si ou desabafando com a família... A nós, compete-nos pedir providências para o caso de que vimos tratando, e aqui estamos a pedi-las, embora já com a certeza de que não somos ouvidos. Paciência! Depois do dever cumprido, nada nos resta!...

A estrada da Penha

Foi dirigida à Câmara uma representação com muitas assinaturas, pedindo a reparação das estradas de acesso à encantadora estância de turismo da Penha.

Nessa representação acentua-se a necessidade de regularizar algumas curvas e proceder ao alargamento em certos pontos da estrada que passa pela Costa.

Não podemos deixar de frisar aqui o facto interessante de ter sido esta estrada mandada construir pelas vereações democráticas, às quais não foi preciso dirigir representações para que fossem cuidados os interesses daquele lindo recinto.

Parque do Castelo

Aos senhores zeladores municipais, recomendamos lancem as suas vistas misericordiosas para o arrelvado dos canteiros que circundam o parque do Castelo, livrando-nos do vergonhoso espectáculo de vêr-mos aquele logar servindo a apascentar gado.

Dr. Nuno Simões

O Tribunal da Relação de Lisboa, por unanimidade, acaba de prestar-lhe inequívoca justiça

Publicamos a parte do acordão do Tribunal da relação de Lisboa respeitante ao Snr. Doutor Nuno Simões:

“... Quanto ao Doutor Nuno Simões nem se concretisa devidamente quais foram esses negócios ou pretensões, nem se precisam quais eram as funções que esse pretendo corrompido exercia, e dos quais estivesse dependente a resolução de tais negócios e pretensões e sem que portanto se saiba se (como aliás se afirma) tais pretensões não eram só injustas mas até singularmente suspeitas. Não obstante e por outro lado, é certo, que pelos depoimentos das testemunhas (quasi todas qualificadas) oferecidas por este recorrente em sua instrução contraditória e pelos documentos que produziram, se demonstra concludentemente que perante elle, (quer como ministro, quer como deputado, quer ainda como secretário do Supremo Tribunal Administrativo) nem por Alves Reis, (o pretendo corruptor) nem ainda por qualquer outro, haja sido apresentada qualquer pretensão que dependesse do seu desembargo ou despacho, ficando também provado o seu alegado de que **jámais prestou ao Banco Angola e Metrópole qualquer auxilio e bem assim que não interveio por forma alguma na defesa dos interesses do Banco.**

...Que o Doutor Nuno Simões era apenas arguido do crime a que se refere a alinea n (crime de corrupção) pelo que foi logo despronunciado visto não poder admitir-se pronuncia por um crime que não existe.

A despeito disto, a Relação não se dispensou de examinar as acusações que concretamente eram feitas ao Doutor Nuno Simões, concluindo por verificar que **nenhuma delas tinha o menor fundamento.**

Como se vê pelo acordão, foi feita Justiça a uma das figuras mais brilhantes da República, com o que se congratulam todos os republicanos. Toda a imprensa republicana tem prestado uma sincera e grandiosa homenagem ao carácter e inteligência do Snr. Doutor Nuno Simões.

“A Velha Guarda”, que desde a primeira hora da odienta campanha contra o nosso illustre comprouvenciano se colocou inteiramente ao seu lado, exulta com a decisão do venerando Tribunal

Uma carta...

O Snr. Carlos Saraiva, aluno do 4.º ano da Faculdade de Medicina, publicou uma carta no último número do “Ecos de Guimarães”, — a respeito da doença do nosso amigo Snr. Manuel Ribeiro, que actualmente se encontra internado no Hospital “Conde Ferreira”. Esta carta — que parece feita de encomenda — pretende esclarecer o facto aqui ocorrido e que tanto alarmou determinados espiritos — palavras do signatário —. Pretende também — e este parece ser o fim principal — dizer ao povo de Guimarães que as muitíssimas contrariedades que tivera o nosso referido amigo, em nada contribuíram para a sua perturbação mental. Não queremos discutir a opinião do futuro médico, mas devemos dizer que alguém com mais autoridade do que aquela que actualmente tem o Snr. C. Saraiva, não perflha esta sua afirmação.

Parece-nos, pois, bastante *pesimista* e carta em questão, mas o tempo — melhor do que nós — o dirá. O que lamentamos — e muito sentidamente — é que alguém se tenha aproveitado dessa carta para dela tirar um certo partido, que não ilude, mas entristece!...

Porém, seja como for, nós unicamente desejamos que não se faça demorar o restabelecimento do doente, e se elle algum dia se quizer aproveitar das colunas do nosso Jornal para dizer da sua Justiça, tê-las-há às ordens desde que seja para esclarecer somente a verdade quanto ao que se passou anteriormente ao seu internamento no dito Hospital.

da Relação de Lisboa e presta a homenagem do seu apreço e da sua solidariedade ao antigo Ministro e Deputado que conquistou um dos primeiros lugares no jornalismo republicano.

Um homem público sobre quem durante três anos um dos maiores jornais do país despejou as mais graves acusações, cuja vida foi sujeita à mais rigorosa e odienta devassa e contra quem não foi possível provar qualquer acção menos correcta, não pode deixar de retomar a vida pública com o júbilo e a consideração de todos os republicanos. “A Velha Guarda”, aqui lhe consigna essa consideração e esse júbilo certa de que interpreta não só o sentir de todos os republicanos do Norte, mas também o de todas as pessoas de bem, que põem acima de tudo a Verdade e a Justiça.

Officina de S. José de Guimarães

Conforme noticiamos, realizou-se no passado dia 19, a festa do Santo patrono, desta benemérita instituição de caridade, por todos os titulos simpática aos vimaranenses altruístas e bem formados, que muito a têm auxiliado.

Antes das 11 horas chegamos à Praça de D. Afonso Henriques, vendo uma enorme multidão que estacionava em frente à igreja de S. Pedro, onde se ia celebrar uma missa pelos benfeitores vivos e falecidos. Disseram-nos que os internados com a sua banda de música já haviam dado ingresso na igreja, e, assim, não assistimos à sua chegada que nos dizem ter sido magistral, pois os pequeninos orfãos se apresentaram com o maior garbo e aprumo possíveis em seres pequeninos e inexperientes.

Porisso, esperamos, para os ver sair e admirar na sua estreia, pois era a primeira vez que se apresentavam em público, marchando e tocando o hino da cidade e outros ordinários, o que realizaram muito regularmente, honrando o seu mestre e uma das mais sublimes artes — a música.

Pena foi que, o nosso povo, os não deixassem livremente marchar e executar as suas peças, pois que tão perto deles se acercaram que lhes tolhiam os movimentos e dificultavam a marcha, ocultando-os aos que estavam mais distantes a observá-los.

Se o nosso povo soubesse compreender o seu dever, ou alguém o dirigisse, ou lho lembrasse, ter-se-ia remediado este mal tão inconveniente e notado, pois, formando alas nos passeios laterais, ter-se-iam visto e ouvido melhor e não os tolheriam nos seus movimentos e passos cadenciados.

Assim, seguiram por diversas ruas e praças da cidade, até à sua sede nas Capuchinhas, sempre acompanhados por numerosos populares e admiradores.

De tarde esteve exposto à visita do público o edificio, tendo havido também uma sessão solene.

A' Comissão Administrativa da Officina de S. José de Guimarães, que conta entre os seus membros dois nossos amigos e correligionários os snrs. Dr. João António de Almeida Júnior e Alberto Teixeira Carneiro, apresentamos as nossas saudações e homenagens, esperando do público vimaranense todo o auxilio a esta tão simpática e altruísta instituição de caridade, que bem merece ser recompensada dos benefícios que consagra.

Vidraça de 1.ª qualidade, finas, vernizes, cimentos e materiais de construções Prudutos químicos e especialidades farmacêuticas.

Preços de combate.

Drogaria Moderna

Avenida da República
CALDAS DAS TRIPAS

Sociedade Histórica da Independência de Portugal

(Delegação de Guimarães)

(Nota officiosa)

Reuniu na segunda-feira 18 do corrente a direcção da Delegação desta cidade, em sessão conjunta com o Conselho Fiscal, tendo comparecido os srs. Padre Gaspar Roriz, Capitão Malaquias A. Sousa Guedes, Antonio Vieira de Andrade, Eugénio C. Vaz Vieira, Luís Ribeiro de Faria, Arnaldo Alpoim S. Meneses e Manuel L. Matos Junior, não comparecendo, por não ter recebido o convite a tempo, o secretario do Conselho Fiscal sr. José Pinheiro.

Aberta a sessão foi lido o officio n.º 23 D. da Direcção Central que na parte referente ao dia 10 de Abril, diz o seguinte: — «Relativamente á comemoração em Guimarães foi resolvido:

1.º — A Direcção representar-se-ha nas festividades dessa cidade por três directores, sendo um o orador em nome da Direcção Central;

2.º — Que seja oferecida á Delegação da vossa mui digna presidência uma fotografia da Estátua da Independência que está no monumento dos Restauradores em Lisboa, erigido por esta Sociedade, e uma redução dessa gravura para ser publicada em qualquer jornal de Guimarães;

3.º — Que em 10 de Abril seja somente lançada a primeira pedra do monumento e posteriormente estudado o pedestal para ser conhecido o volume do cabouco».

O sr. Secretario procedeu em seguida á leitura do officio enviado pela Direcção Central ao qual se refere a ultima nota officiosa publicada pela imprensa.

Foram tomadas as seguintes deliberações: — Convidar a Ex.ª Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães, a indicar o local aonde deverá ser lançada a primeira pedra para o monumento da Independência, cerimonia que se realiza solenemente no proximo dia 10 de Abril e para a qual serão convidadas as Entidades Officiaes, Sociedades, Corporações, Associações, Liceus, Internato Municipal, Academias, Escolas etc.; publicar um numero comemorativo e promover na noite desse dia uma recita de gala oferecida aos illustres membros da Direcção Central da Sociedade Histórica da Independência de Portugal. Nesse mesmo dia será officalmente hasteado no edificio do Hotel do Tournal, aonde serão hospedados os illustres membros da Direcção, a bandeira que um grupo de Damas oferece á Delegação e em homenagem aos mesmos Ex.ªs Senhores.

Na Praça de D. Afonso Henriques, organizar-se-há nessa occasião, o Cortejo Cívico em Direcção ao local em que será lançada a primeira pedra do monumento.

Depois de vários assuntos tratados com vista á maior solenidade desta festa, foram aprovados como novos sócios os srs. José de Sousa Roriz, João Antonio de Sampaio e José Maria Felix Pereira.

No desempenho do encargo que lhe foi conferido, esteve quarta-feira no edificio da Câmara, a comissão a que acima aludimos sendo gentilmente recebida pela C. A. da Câmara Municipal de Guimarães.

Ferro T para ramadas.

Arame alemão, garantido.

Não comprem sem confrontar preços na casa

PEDRO DE MOURA

Rua de D. João I.º, 91,

P i p i

Não sei o que pretende este colaborador de "A Velha Guarda". Quere revelações? Quere novidades? Quanto a estas aconselho-lhe a leitura da carta do meu amigo senhor Carlos Saraiva Brandão, que foi publicada no n.º 552 do Jornal "Ecos de Guimarães". Relativamente a novidades, deve ficar satisfeito.

Da minha parte, nada lhe posso revelar, pelo menos para já, para não melindrar aqueles que duvidam da minha boa fé.

Sobre as **imbecilidades** da criatura a que se refere — chamo-lhe *criatura* porque me parece um homem — teria de comprometer a minha dignidade para ligar importância a quem só pode ser digno do meu desprezo.

E assim, fica liquidado provisoriamente este assunto.

M. de M.

N. da R. — Referimo-nos noutro lugar á carta do Sr. Carlos Saraiva.

General Norton de Matos

Tardia e lentamente, vai sendo feita justiça ás grandes figuras da República.

Ha dias, realizou-se em Lisboa, numa das salas da Sociedade de Geografia a reunião da comissão, organisadora do III Congresso Colonial Nacional, presidindo o Sr. Conde de Penha Garcia, que, antes de encerrar a sessão se referiu nos termos mais elogiosos á grandiosa obra de colonisação do nosso illustre correligionário, general Sr. Norton de Matos.

Com a devida vénia, transcrevemos do nosso illustre colega «O Primeiro de Janeiro» o seguinte periodo da noticia referente aquella reunião:

«Ao concluir e quando dava a posse aos membros da comissão o Sr. Conde de Penha Garcia, elogiou a obra grandiosa do illustre ex-Alto Comissário de Angola general Sr. Norton de Matos, que classificou de *invulgar colonizador e homem de rara energia empreendedora*».

Concerto espiritual

Realiza-se hoje, na sala do Capitulo da Colegiada de Guimarães, um concerto de música religiosa, revertendo o seu produto em favor das obras do Museu Alberto Sampaio.

O programa é o seguinte:

- I—*Leça*—Prece á Rainha Santa
Poesia de Jorge Condeixa
(Harmónio)
- II—*Marcelo*—Largo
Fauré—Melodia
(V. Cello—Harmónio)
- III—*Hasselmans*—Priére
Godefroid—*Les Voix de la nuit*
(Canto—Harmónio)
- IV—Recitativo
- V—*Leça*—*Sóror-Violante do Ceu*
Poesia de Jorge Condeixa
(Harpa—Harmónio)
- VI—*Bach*—Aria
(V. Cello—Harmónio)
- VII—*Gounod*—*Avê Maria*
(Canto—Harpa)
- VIII—*Tomé*—*Andante religioso*
(Harpa—V. Cello—Harmónio)

Tomam parte as Ex.ªs Srs.ªs D. Cesarina Lyra (Canto), D. Juliana Falconieri de Oliveira (Harpa), D. Irene Freitas Leça (V. Cello) e o Ex.º Sr. Armando Leça (Harmónio).

Dr. Bernardino Machado

Nervos d'aço, mentalidade excelsa e coração de criança.

ALEXANDRE BRAGA.

*Su' alma adamantina é vastidão imensa
Onde há o perene sol, — d'excelsa pulcritude, —
Dum sólido saber, e a intermina amplitude
Duma bondade infinda, ao bem sempre propensa.*

*No seu mavioso olhar, brando como a virtude,
Há noites de luar, de placidez intensa!
E a luz da argentea barba em mim arreiga a crença
Duns dias matinaes de eterna juventude!*

*Avigorou-lhe o ser o meu querido Minho,
Cujo ar rescende o olór do trévo e rosmarinho
E onde o rouxinol canta uma canção ideal...*

*Sendo de Portugal um benfeitor antigo,
O Povo Luso o aclama, — ansioso, heroico, amigo, —
Da Pátria de Camões um vulto primacial!*

COSTA GUIMARÃES.

Madrid, Palacio-Hotel, 20 de Agosto de 1926.

O T O U R A L

Pensando em Camille Flammarion, e nas descrições do seu livro «Como acabará o mundo», vinha jardim de S. Francisco e Tournal fóra, contemplando a lua, e parecendo-me vêr na realidade os seus vestigios de vida doutroa, e hoje um astro morto, condenado a gravitar eternamente o sol, e deliciando os felisardos do planeta terra, com os seus raios de luz, que recebe daquele astro.

Era já uma hora adeantada da noite. No Tournal, os *Almeidas vimaraneses*, punhau numa actividade languida e morósa, a escrita em dia, deixando para a hora do meio dia, os serviços das outras ruas, cujos moradores não gosam dos direitos feudais, que os mui nobres e Senhores homens bons, das antigas e mui celebres terras do Tournal. Na admiração pasmática em que me deixei levar para o serviço dos *Almeidas*, deixei de andar com a imaginação, por entre as montanhas agrestes das regiões lusas, e parecia contemplar com olhos de vêr, os destroços do cataclismo ou vendaval que tinha sofrido o Tournal. Por todos os lados se viam caídas no chão as arvores, que deliciavam com a sombra da sua folhagem e com a brisa que se recebia debaixo delas, os *habitués* daquele local, ficando sómente para perpetuar o sitio, outróra tão arvorizado, duas palmeiras grandes, parecendo que houve o firme proposito de as deixarem ali ficar, para ornarem a casa do sr. Sousa Junior.

Estava assim pensando, quando reparo nos gestos de impaciencia e aborrecimento que o D. Afonso Henriques fazia em cima do seu pedestal.

Considerando-me um humilde mortal, mas constrangido pela força da curiosidade, mãe, principalmente do sexo fraco, do audacioso atrevimento, apesar de não ser meu correligionário, mas a quem me habituei admitir pelos seus deslambrentes serviços prestados á Pátria, transportando-me ao meu lugar de pigmeu, e dando-lhe o verdadeiro valor de senhor supremo doutros tempos, aventurei-me a perguntar-lhe porque se achava assim tão aborrecido?

Num encolher de ombros, e num gesto em que descreveu as antigas armas de S. Francisco, declarou-me que o corte das arvores, era a maior ofensa, que se podia fazer á obra dos seus ascendentes.

Passou-me pela mente a obra de D. Diniz, o lavrador, cognome que recebeu principalmente pelo grande numero de arvores que

mandou plantar em todo o país, e sãz querer fazer qualquer objecção, que por ventura o fósse irritar mais, lembrei-me que a Câmara, podia talvez minorar esta sua indignação, transferindo novamente o D. Afonso Henriques, para o seu antigo lugar, no jardim de S. Francisco, onde deixava de assistir diáriamente ao policromo das portas dos estabelecimentos, e á exposição bacalhoeira dos antigo Barroso e Patricio, que as arvores encobriam, e lhe davam um ar de beleza, que agora não tem.

E deixando-me levar por este sonho, pareceu-me ver já o Tournal transformado, no lugar da estátua achava-se instalado um edificio em pedra mármore, elegante e de bom tom, com freamte para todos os lados, no qual funcionava um «Bar» obedecendo a todos os requisitos exigidos pelo local, tendo as suas mezas estendidas em volta do edificio e junto dos candieiros, com uns enormes vasos com canas da Índia, colocados em xadrez, que davam ao local o aspecto dum pequeno bosque, com um ar tão agradável, e uma beleza de encantar que, até dava gosto de fazer a vontade ao nosso amigo S. G., e pedir *cerveja gelada*.

Acordei do sonho em que me achava embebido, e fui-me rua abaixo em direção a casa, levando no meu espirito a preocupação, se tudo isto seriam já os efeitos dos gazes, provenientes dum comêta qualquer que ao passar pelo planeta terra, absorvesse o nitrogenio em vez do oxigenio, de que nos fala Flammarion, ou se desses gazes só estarão atacados os individuos do abaixo assinado, ou sómente o que vinha assinado á cabeça do rol. Depois de refletir bem, firmou-se no meu espirito, a convicção que, o gazeado deve ser esse.

X.

Economias

«A Camara já não reune há 6 semanas, por falta de numero de vogais.»

(Noticia de Fafe para o Janeiro). Ora aqui está uma economia em que ainda não pensou o economista que pontifica na edilidade local: não reunindo, economisam o livro de actas.

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

lutuosa

Em avançada idade, faleceu ha dias, na sua casa do Campo do Salvador, o nosso estimado amigo sr. Gaspar da Costa Pereira, pai amantissimo do nosso bom amigo Ex.º Sr. Padre Antonio Costa Guimarães, illustrado professor do Internato Municipal.

Os seus funerais, realizados na igreja da Misericórdia, foram bastante assistidos de pessoas das relações e amizade da familia.

A familia em luto, o nosso sentido pesar.

EDITAL

Doutor António Coelho da Mota Prego, Administrador do concelho de Guimarães:

Faz público que, para os devidos efeitos, e para cumprimento do art.º 8.º do Decreto n.º 8.364 de 25 de Agosto de 1922, a esta secção Administrativa da Câmara, baixou o edital da Circunscrição Industrial que é do teor seguinte:

Eu, José dos Santos Salvador Viegas, Engenheiro-chefe da 1.ª Circunscrição Industrial:

Faço saber que Martins & Ferreira, Limitada, pretende licença para estabelecer uma fábrica de tecidos de seda e tinturaria no lugar da Igreja, freguesia de Ronfe, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte com prédio de Joaquim de Sousa Lôbo, sul com Avenida, nascente com terreno de Joaquim de Sousa Lôbo e poente com prédio de Joaquim de Sousa Lôbo.

E como o referido estabelecimento industrial se acha compreendido na tabela 1 anexa ao regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas, aprovado pelo decreto n.º 8:364, de 25 de Agosto de 1922, sendo um estabelecimento de 2.ª classe com os inconvenientes de barulhos, trepidações, perigo de incêndio, emanações, fumos nocivos e inquinação das águas, são por isso e em conformidade com as disposições do mesmo decreto, convidadas tôdas as pessoas interessadas a apresentar, por escrito, na 1.ª Circunscrição Industrial, com sede no Porto, rua Sá da Bandeira n.º 142-2.º, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida, no prazo de 30 dias, contados da data da publicação deste edital, podendo na mesma Repartição ser examinados os desenhos e mais documentos juntos ao processo.

Porto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, 9 de Março de 1929.

O Engenheiro-Chefe,

J. Salvador Viegas.

E' o quanto se contem no referido edital.

E eu, José Fernandes Ribeiro Gomes, chefe da secção administrativa o escrevi.

Guimarães, 20 de Março de 1929.

António Coelho da Mota Prego.